



Fernando Pessoa crítico da revista *Orpheu*

Fernando Pessoa as critic of *Orpheu*

Cláudia Souza¹

Resumo: Neste artigo pretendemos mostrar a atividade de crítico que Pessoa exerceu durante toda a sua vida, dando especial importância aos documentos críticos sobre a revista *Orpheu*, documentos esses que o poeta e pensador deixou em seu espólio.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; crítico; *Orpheu*; espólio.

Abstract: In this article we intend to show Pessoa's activity as critic which he put in practice during all his life, giving special emphasis to the critical documents about *Orpheu*, which this poet and thinker left in his archive.

Keywords: Fernando Pessoa; critic; *Orpheu*; archive

A revista *Orpheu* surgiu no cenário português em Março de 1915, numa edição polêmica e inovadora, sob a direção de Luiz de Montalvôr e Ronald de Carvalho. Neste primeiro número publicaram os autores: Luiz de Montalvôr, Mario de Sá-Carneiro, Ronald de Carvalho, Fernando Pessoa, Alfredo Pedro Guisado, José Almada-Negreiros, Côrtes-Rodrigues e Álvaro de Campos (marcando a primeira publicação de um heterônimo pessoano). E a capa foi desenhada por José Pacheco.

A publicação de *Orpheu* causou um grande impacto na cultura portuguesa. Foi amplamente criticada pelos conservadores. A revista contou com apenas mais um número (*Orpheu2*), publicado em Junho de 1915, este sob a direção de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. O tão sonhado terceiro número de *Orpheu* não chegou a ser publicado durante a vida de Pessoa, pois a morte de Sá-Carneiro em Abril de 1916 inviabilizou a realização deste projeto, uma vez que era a família de Sá-Carneiro quem arcava com os maiores custos da publicação da revista.

Orpheu permaneceu no horizonte dos interesses de Pessoa durante toda a sua vida. Prova disto são os muitos documentos encontrados em seu espólio em que o poeta e pensador português reflete sobre a importância desta revista. Esses documentos revelam a faceta do grande crítico que Pessoa foi durante toda a sua vida. É comum os pesquisadores darem especial atenção para o que ele não publicou em vida, sobretudo para a poesia dos seus outros eus, deixando para segundo plano, os inúmeros textos publicados durante a sua vida de conteúdo crítico. Pessoa colaborou com muitas revistas

¹ Especialista no espólio de Fernando Pessoa, com livros, capítulos de livros e artigos publicados no Brasil, Europa e Estados Unidos. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado intitulada – Fernando Pessoa e o romantismo alemão - no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, com financiamento da Fapesp.

e jornais da sua época, como: *A Águia*, *Athena*, *Presença*, *Fradique*, *O Notícias Ilustrado*, *Diário de Lisboa*, *O Raio*, entre outros. Foram mais de setenta textos críticos publicados até 1935, ano da sua morte. Se Pessoa-poeta, deixou a maior parte da sua obra poética inédita, esse não foi o caso do Pessoa-crítico, pois durante toda a sua vida ele foi um cidadão que dialogou com as questões de sua época, sobretudo com as questões culturais e literárias. Sobre a revista *Orpheu*, Pessoa publica um texto em *O Jornal* – 6 de Abril de 1915, defendendo o teor inovador da mesma, utilizando para tal objetivo o romantismo inglês de Wordsworth e Coleridge:

Como o leitor não sabe, o movimento romantico inglês foi iniciado definitivamente pela publicação, em 1798, da *Lyrics Ballads* de Wordsworth e Coleridge. Este livro – que contém dois dos maiores poemas de todas as literaturas, o *Ancient Mariner* de Coleridge e a *Tintern Abbey* de Wordsworth – teve por toda a Inglaterra um exito de gargalhada. Entre os que mais riram destacou-se Byron, que, no *English Bards and Scotch Reviewers*, deu a qualquer dos poetas das *Ballads* uma desagradavel proeminência ao ridículo. Até ao fim da vida Lord Byron teve sempre mais ou menos sob satira esses dois poetas; mas acontece que a sua terceira faze, que é o seu maior – senão o seu unico – título de glória, foi escrita sob a influencia desses dois. Escusamos de historiar como o meio inglês se foi adaptando, e como Wordsworth acabou *Poet Laureate*; o caso de Byron, que morreu antes dessa adaptação estar feita, resume tudo o que, de ensinamento, esses factos possam sugerir².

Neste artigo sobre *Orpheu*, o crítico mostra aos leitores que a revista abriu espaço para uma nova estética, que por ser nova, como o romantismo inglês de Wordsworth e Coleridge também o foi outrora, tornou-se alvo de críticas, mas que essa nova estética acabaria por influenciar toda a literatura portuguesa. Pessoa estava certo: de fato, *Orpheu* inaugurou uma nova época da literatura portuguesa, o modernismo, que recebeu influência de várias correntes vidas de toda Europa, simbolismo, futurismo, cubismo, dos movimentos criados pelo próprio Pessoa como o interseccionismo e o sensacionismo, e também do movimento saudosista português, cujo ícone foi Teixeira de Pascoaes. Outro aspecto importante deste texto é o conhecimento que Pessoa tinha do romantismo inglês.

² PESSOA, 2009, p.40. Optamos aqui por manter a ortografia original dos escritos de Pessoa.

Por detrás do crítico, encontra-se um leitor de Wordsworth e de Coleridge que vai utilizar a leitura como momento de invenção, em consonância com a concepção de leitura dos românticos: “No romantismo, a leitura é o instante que propicia a invenção³.” É interessante também chamar a atenção para a importância que os românticos deram ao papel da atividade crítica, sobretudo os primeiros românticos alemães, como Friedrich Schlegel, que respeito da crítica escreve:

Como acabamento ideal do espírito científico e do senso artístico, a atividade crítica não se diferencia da genialidade (que é sempre vivificação das capacidades da mente) senão porque se desincumbe de suas tarefas com a consciência e é, por assim dizer, o gênio metódico⁴.

Para os primeiros românticos alemães a crítica não significava somente a análise de um material, mas sim um instrumento importante que poderia gerar descobertas futuras. Essa é a tese defendida por Márcio Suzuki, em seu livro, **O gênio romântico**, no capítulo VIII, que se inicia mostrando justamente a *crítica como invenção*⁵. Segundo os românticos alemães a crítica teria algo de genial, de divinatório, de profético, à medida que poderia revelar algo do futuro. É interessante perceber que, no caso do Pessoa e do texto sobre *Orpheu* por ele publicado essa premissa romântica se realiza. Em seu papel de crítico, Pessoa recolhe dados do passado, do início do romantismo inglês iniciado por Wordsworth e Coleridge e de como esse primeiro romantismo inglês foi criticado, utilizando como exemplo o poeta Byron e de como este será amplamente influenciado por esse novo movimento estético inaugurado na Inglaterra. Pessoa estabelece um paralelo entre a importância do início do romantismo inglês e do movimento inaugurado por *Orpheu*. Não deixa de ser um texto com teor de defesa da revista, tão criticada em seu lançamento. Mas, para além deste fato, Pessoa revela em seu texto uma parte do futuro, a importância de *Orpheu* para a cultura e a futura geração literária portuguesa. E aqui encontramos o traço genial do crítico, que é capaz de adivinhar o futuro, de profetizar sobre o que ainda está por vir. A revista *Orpheu* que contou com apenas dois números, foi um marco da literatura portuguesa. Com ela se inicia o modernismo português, com ela se espalham os ventos literários trazidos de toda a Europa (simbolismo, cubismo, futurismo), com ela Pessoa cria dentro do espaço do modernismo outras correntes

³SUZUKI, 1998, p.95.

⁴SUZUKI, 1998, p.192.

⁵SUZUKI, 1998, p. 192.

estéticas (como o interseccionismo e o sensacionismo), com ela há toda uma mudança estética em Portugal, as artes perdem os limites pré-estabelecidos e torna-se possível fazer poesia sem rima, versos livres, misturar poesia, música e pintura. Num outro texto do Pessoa crítico, presente no espólio, há uma interessante descrição do significado de *Orpheu* para o panorama literário português:

A nova corrente literaria portuguesa, que ha algum tempo se tem vindo esboçando, sem com tudo se reunir e se concentrar apareceu agora em revista, *Orpheu*. Não é facil dar em poucas palavras idéa do que sejam os principios basilares, extraordinariamente novos e perturbadores, d'esta corrente literaria. Partindo em parte do symbolismo, em parte do saudosismo portuguez, um pouco tambem, sem duvida, do cubismo e do futurismo, esta corrente consegue, porém, realizar uma novidade, e atravez das varias modalidades apresentadas pelos seus diversos poetas e prosadores, pouca relação parece ter com as correntes de que parte. O primeiro numero de "Orpheu" é quase que um manifesto. O que interessa é a flagrante originalidade da corrente literaria, quer seja nos extranhos e □ poemas de Sá-Carneiro quer nos, mais suaves e menos □ de Alfredo Guisado, Ronald de Carvalho e Côrtes-Rodrigues, quer no curioso e doentio drama estático de Fernando Pessoa, "O Marinheiro", que nos graciosos e □ "Frisos" do desenhador Almada Negreiros, quer nas assombrosas composições com que o volume fecha – essa obra-prima do futurismo que é a Ode Triumphal de Álvaro de Campos, que tem o ruido de uma fabrica ou de um boulevard, e que por certo só podia ter sido escripta num delírio de febre que, por um prodigio de arte, conseguisse constantemente equilibrar os seus desvariamentos naturaes. (...)

Parecendo-se em certos pontos com o symbolismo, em um ou outro com o "saudosismo" portuguez (onde já ha um esboço de acção literaria absoluta), e até, em alguns com o cubismo e o futurismo, a nova corrente portuguesa é com tudo qualquer cousa diferente de todas estas e mais nova e complexa de que qualquer d'ellas⁶.

⁶ [BNP/E3-14⁴-3]. O símbolo □ utilizado na transcrição significa espaço em branco deixado pelo autor.

Esse documento foi certamente escrito por Pessoa entre o primeiro e o segundo número da revista *Orpheu*, ou seja, entre Março e Junho de 1915. É interessante observar o desdobramento literário do autor português. Por um lado, ele era um dos autores do primeiro número da revista, por outro, seria ele um dos diretores do *Orpheu* ao lado de Sá-Carneiro e também autor, ele e Campos, e para além disto Pessoa não se furta do papel de crítico. Além de publicar o texto aqui já referido em *O Jornal* (Abril/1915), a sua faceta de crítico do *Orpheu*, pode ser vista em outros documentos do espólio, como é o caso do texto acima. Nele, o autor português explica as influências de correntes literárias presentes em *Orpheu*: simbolismo, saudosismo, cubismo e futurismo. Mas, alerta o seu leitor: *Orpheu* vai além destas correntes literárias, instaura um novo movimento na cultura portuguesa, um movimento complexo. Novamente percebemos o tom profético do qual se referiam, ao analisar o papel do crítico, os primeiros românticos alemães. Um tom profético ligado à noção de gênio, aquele que é capaz de antecipar o futuro. Como clarifica Márcio Suzuki a respeito do tom profético da crítica: “A crítica tem que ser ‘profética’, pois precisa antecipar genialmente uma totalidade que ainda não existe, e somente pelo poder de sintetizá-la numa unidade é capaz de compreender e avaliar a relação de uma obra dada para com esse conjunto ou totalidade⁷.” Algo que realmente Pessoa realiza em seus textos sobre a importância de *Orpheu*, pois apesar de ter causado um grande impacto na sociedade e na cultura portuguesa da época, imerso neste panorama, Pessoa não teria como saber o real significado de *Orpheu*, que realmente foi capaz de modificar toda uma literatura, que antes mergulhada no saudosismo, se torna modernista, adepta do verso livre, do diálogo entre as diversas artes (música, pintura e poesia), entre outras características. O autor português sintetizou a totalidade de *Orpheu*, ou seja, antecipou em sua crítica o valor que essa publicação teria no futuro para a literatura portuguesa.

Além de Pessoa, uma outra personalidade literária criada por ele, António Mora, também escreve sobre *Orpheu*. António Mora exercerá um importante papel no diálogo entre Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Mora, assim como Reis, Campos e Caeiro faz parte da composição deste *drama em gente*⁸ pessoano, sendo influenciado

⁷SUZUKI, 1998, p.195.

⁸ Em Dezembro de 1928 no número 17 da revista *Presença*, foi publicada a tábua bibliográfica pessoana e neste texto Pessoa afirma que a elaboração da obra dos seus heterônimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos) constituiu um *drama em gente, em vez de um drama em actos*, como atesta a seguinte passagem: “As obras destes três poetas formam, como se disse, um conjunto dramático; e está devidamente estudada a entreacção intelectual das personalidades, assim como as suas próprias relações pessoais. Tudo isto constará de biografias a fazer, acompanhadas, quando se publicarem, de horóscopos e, talvez, de fotografias. É um drama em gente, em vez de em actos. (Se estas três individualidades são mais ou menos reais que o próprio Fernando Pessoa — é problema metafísico, que este, ausente do segredo

por Alberto Caeiro⁹. Mora deixou inúmeros escritos e projetos no espólio de Pessoa. Entre eles, destacamos aqui o seguinte texto no qual Mora escreve sobre *Orpheu*:

A[ntônio] Mora (Orpheu¹⁰)

Bemditos sejam elles, que em sua seiva viva, rejuvenescem o corpo¹¹ gasto da nossa duvidosa literatura. Elles trouxeram para o sordido¹² festim da consciencia nacional o aprazimento florido dos seus manjares novos. Fôram recebidos como truvões que se quisessem intrometer no séquito de um enterro, e enterro deveras parece esta funebre marcha¹³ de títeres tristes que é o deslizar diario da nossa vida nacional.

Ninguem os pôde apreciar. Critica, não a ha. Cultura, não □

dos Deuses, e ignorando portanto o que seja realidade, nunca poderá resolver”.) PESSOA, 2000, p.404. Podemos assegurar a participação de Antônio Mora neste drama em gente baseados na afirmação do próprio Pessoa no seguinte trecho que faria parte de uma obra intitulada Aspectos: “Esse Alberto Caeiro teve dois discipulos e um continuador philosophico. Os dois discipulos, Ricardo Reis e Alvaro de Campos, seguiram caminhos diferentes; tendo o primeiro intensificado e tonardo orthodoxo, o paganismo descoberto por Caeiro, e o segundo baseando-se em outra parte da obra de Caeiro, desenvolvido por um sytema inteiramente differente, e baseado inteiramente nas sensações. O continuador philosophico, Antonio Móra (os nomes são tão inevitáveis, tão impostos de fóra como as personalidades), tem um ou dois livros a escrever, onde provará completamente a verdade metaphysica e practica, do paganismo.(...)” [BNP/E3-20-70 a 72]

⁹Em um documento do espólio, Álvaro de Campos define a personalidade literária pessoana Antônio Mora e os seus projetos, da seguinte forma: “O Antonio Mora era uma sombra de veleidades especulativas. Passava a vida a mastigar Kant e tentar ver com o pensamento se a vida tinha sentido. Indeciso como todos os fortes, não tinha encontrado a verdade, ou o que para elle fosse verdade, o que para mim é o mesmo. Encontrou Caeiro e encontrou a verdade. O meu mestre Caeiro deu-lhe a alma que elle não tinha; poz dentro do Moraperipherico, que elle sempre tinha sido, um Mora central. E o resultado foi a reduccão a systema e a verdade logica dos pensamentos instictivos de Caeiro. O resultado triumphal foi esses dois tratados, maravilhas de originalidade e de pensamento, *O Regresso dos Deuses* e os *Prolegomenos a uma Reformação do Paganismo*.” [BNP/E3-71^a-24 a 26].

¹⁰ [BNP/E3-12²-1].

¹¹ ↑ *caule* – variante sobreposta no documento original.

¹² *paraa* ↑ *o sórdido* – no documento original.

¹³ *esta* ↑ *funebre marcha* – no documento original.

42E/187 ~~A. Mora~~ (Orpheu) 12²-1

Bemito assim eles, por
 um ma seria via, rejuvene-
 scem o ^{caule} corpo gote de
 uma duvida literatura.
 Eles tiveram para o
 addido festim da consciencia
 nacional o aquecimento
 florido dos seus manojais
 novos. Foram recibos como
 tuos que a quizenem into-
 mite no cepto de um
 entens, e entens deves
 parece esta ^{função} ~~função~~ marcha de
 literos tuos que e o des-
 brói deais da nova vida
 nacional.

Nuquem a pôde apen-
 cios. Critica, não a ha.
 Cultura, não

O texto de António Mora possui um tom de lamentação sobre o como *Orpheu* foi recepcionado pela consciência nacional portuguesa. Ainda assim, essa personalidade pessoana destaca a importância da revista que *rejuvenesceu o gaste caule da duvidosa literatura portuguesa*. E Mora sublinha também a falta de textos críticos sobre *Orpheu*. Além de Pessoa, esse seu desdobramento psíquico/literário que foi António Mora, também valorizava o papel do crítico e assume esse papel em sua escrita. Talvez Mora venha desempenhar justamente essa função de crítico, de produtor de um texto crítico sobre o *Orpheu*, vazio sentido por Pessoa e por esse seu outro eu. O texto em questão não foi o único escrito por Mora sobre *Orpheu*. No trecho de um outro documento assinado por essa mesma personalidade pessoana, ele faz uma análise sobre a simplicidade com a qual se exprimiam os literatos do *Orpheu*:

Succede que se algum peccado pesa sobre os litteratos de Orpheu, elle é o de se exprimirem com demasiada simplicidade. Relatam uma cousa tal qual a sentem, sem procurar ajusta-la á comprehensão dos outros, nem subordina-la a qualquer criterioesthetico. Quando o senhor Sá-Carneiro diz que ‘sente as cores noutras direcções’, pecca, se pecca, por uma excessiva simplicidade¹⁴.

Esse outro texto de Mora carrega um tom mais crítico, como se o autor do texto tentasse encontrar uma explicação para o incômodo que a publicação dos dois números de *Orpheu* causou nos meios literários portugueses. O então suposto ponto central que pode ser criticado na literatura da revista seria a simplicidade de seus autores. Mora termina o texto defendendo que para compreender a estética de *Orpheu* seria preciso não se pasmar diante de coisa nenhuma e saber entender a literatura de todas as épocas, principalmente conhecer com profundidade a cultura grega:

Devo a minha comprehensão dos litteratos de Orpheu a uma leitura aturada sobretudo dos gregos, que habilitam quem os saiba ler a não ter pasmo de cousa nenhuma. Da Grecia Antiga vê-se o mundo inteiro, o passado como o futuro, a tal altura emerge, dos melhores cumes das outras civilizações, o seu alto pincaro de gloria creadora¹⁵.

António Mora cultivava uma relação muito especial com a Grécia Antiga, como se percebe nesta citação. Dentro do espaço literário pessoano, Mora seria o teórico do neopaganismo que fecundaria a cultura portuguesa. O mestre pagão seria o heterônimo Alberto Caeiro, figura central para a expansão do neopaganismo¹⁶. Neste trecho sobre *Orpheu*, Mora exalta a cultura grega e explica que quem é capaz de compreender profundamente os gregos se torna capaz de absorver qualquer inovação literária, como é

¹⁴[BNP/E3-20-81^v].

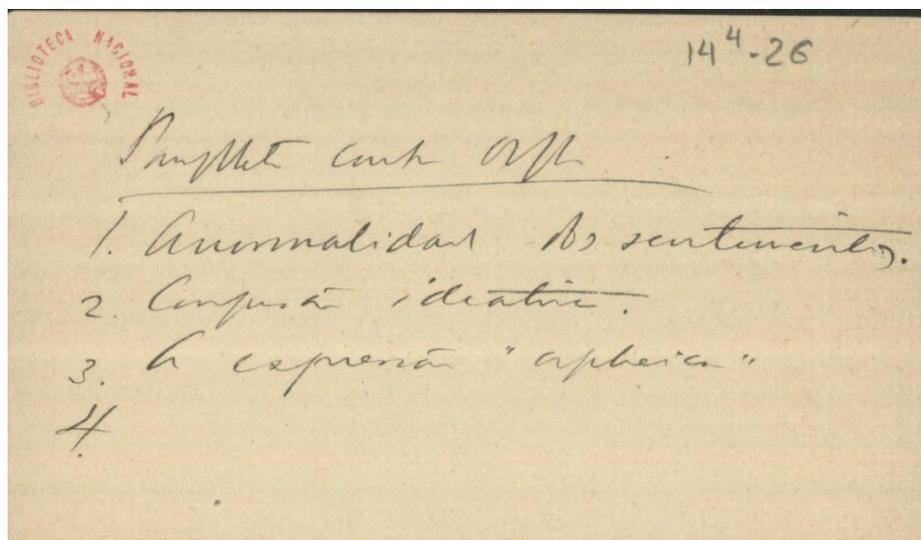
¹⁵[BNP/E3-20-81^v].

¹⁶Em um trecho do projeto assinado por Álvaro de Campos intitulado *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*, Campos analisa o paganismo de Caeiro, dele próprio, de Pessoa, de Reis e de Mora: “O meu mestre Caeiro não era um pagão: era o paganismo. O Ricardo Reis é um pagão, o António Mora é um pagão, eu sou um pagão; o próprio Fernando Pessoa seria um pagão, se não fosse um novelo embrulhado para o lado de dentro. Mas o Ricardo Reis é um pagão por carácter, o António Mora é um pagão por inteligência, eu sou um pagão por revolta, isto é, por temperamento. Em Caeiro não havia explicação para o paganismo; havia consubstanciação.”CAMPOS, 1997, p.42.

o caso da revista em questão, que inova e apresenta novas formas de fazer literatura para o contexto literário português. É interessante perceber que há uma consonância entre o discurso do Pessoa crítico de *Orpheu* e o discurso do Mora crítico de *Orpheu*, ambos exaltam o valor literário e cultural da revista e iluminam de uma forma positiva o caráter inovador dos textos que compõem a revista. Porém o último texto assinado por Mora exposto neste artigo apresenta também um tom mais crítico em relação aos escritos de *Orpheu*, crítico no sentido mais literal da palavra, pois a personalidade literária pessoana aponta para a demasiada simplicidade com que escrevem os literatos da revista. No espólio de Pessoa, encontramos textos sobre *Orpheu* ainda mais críticos do que o texto de Mora em questão. Como é o caso do trecho do seguinte documento intitulado de *Pamphleto contra Orpheu*:

*Pamphleto contra Orpheu*¹⁷.

1. Anormalidade dos sentimentos.
2. Confusão ideativa.
3. A expressão 'orpheica'.
4. □



Esse documento revela a outra face do Pessoa crítico: para além daquele que foi capaz de defender *Orpheu* e de adivinhar a importância futura desta revista, o autor, o crítico que também é capaz de tecer considerações ácidas sobre as publicações realizadas na revista em questão. Neste documento, Pessoa critica a sua própria peça de

¹⁷ [BNP/E3-14⁴-26].

teatro estático, *O Marinheiro*, publicado no primeiro número de *Orpheu*: “O Marinheiro do sr. F[ernando] P[essoa] é de partir a cabeça mais solida. Ninguém percebe nada, salvo, aqui e ali, umas frases que era melhor não perceber¹⁸.” Pessoa foi desde a publicação de *Orpheu* até o final dos seus dias, um importante defensor desta publicação que foi certamente o marco do modernismo português. Então a pergunta que se coloca é: porque escrever um panfleto contra *Orpheu*? E a pergunta se encontra no título deste artigo: Pessoa como crítico de *Orpheu*. Ou seja, não estamos falando apenas de um grande autor português, mas também de um dos maiores críticos literários que Portugal conheceu, que exerceu o papel de crítico de forma complexa e genial, de acordo inclusive com a concepção de crítico concebida pelo primeiro romantismo alemão, como já analisamos. Para além disto, o crítico Pessoa era capaz de avaliar uma questão, como foi a publicação de *Orpheu* 1 e 2, por diversos ângulos, diversas perspectivas. A sua capacidade reflexiva que gerou inúmeros outros eus, gerou também em seu espaço literário inúmeras opiniões sobre um mesmo assunto. No caso do panfleto contra *Orpheu*, já não estamos mais no simples plano da crítica, mas da crítica da crítica, um passo além no movimento reflexivo, na dobra que se abre entre o sujeito e a obra de arte, ou entre o suposto sujeito e a revista *Orpheu*, que é capaz de criticar o seu próprio texto, afastando-se de si, criando um espaço entre o eu e o que está sendo analisado, um espaço de criação, de invenção, revelando um movimento infinito. E aqui ousamos modificar uma importante frase de Friedrich Schlegel sobre o homem: “Pensa num finito cultivado ao infinito, e pensarás em Pessoa¹⁹.”

Bibliografia

CAMPOS, Álvaro. **Notas para a recordação do meu mestre Caeiro**. Textos fixados, organizados e apresentados por Teresa Rita Lopes. Lisboa; Editorial Estampa, 1997.

NOVALIS, Friedrich von Hardenberg. **Pólen - Fragmentos, diálogo, monólogo**. Tradução, apresentação e notas Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Iluminuras, 2009.

PESSOA, Fernando. **Crítica** – ensaios, artigos e entrevistas. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

PESSOA, Fernando. **Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas**. Introdução, organização e notas de António Quadros. Lisboa: Europa-América, 1986.

PESSOA, Fernando. **Espólio**. Biblioteca Nacional de Lisboa.

¹⁸[BNP/E3-14⁴-26].

¹⁹A frase original de Friedrich Schlegel: “Pensa num finito cultivado ao infinito, e pensará num homem.” SCHLEGEL, 1997, p. 157.

- PESSOA, Fernando. **O Marinheiro**. Edição de Cláudia Souza. Lisboa: Ática, 2011.
- PESSOA, Fernando. **Sensacionismo e outros ismos**. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.
- Revista *Orpheu* – Edição Facsimilada. Números 1& 2e provas de página do terceiro número. 2 ed. Lisboa: Editora Contexto, 1994.
- SCHLEGEL, Friedrich. **O dialeto dos fragmentos**. Tradução, apresentação e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.
- SOUZA, Cláudia. A estética do desassossego: Fernando Pessoa e o romantismo alemão. *In: Literatura, Vazio e Danação*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2013.
- SOUZA, Cláudia. Inconsciente e arte: um encontro entre Fernando Pessoa e Freud. *In: A cultura portuguesa no divã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011, pp.113-123.
- SOUZA, Cláudia. Fernando Pessoa e a literatura inglesa. *Revista da Anpoll*, 2014. pp.312-329.
- SUZUKI, Márcio. **O gênio romântico** – crítica e história da filosofia em Friedrich Schlegel. São Paulo: Iluminuras, 1998.